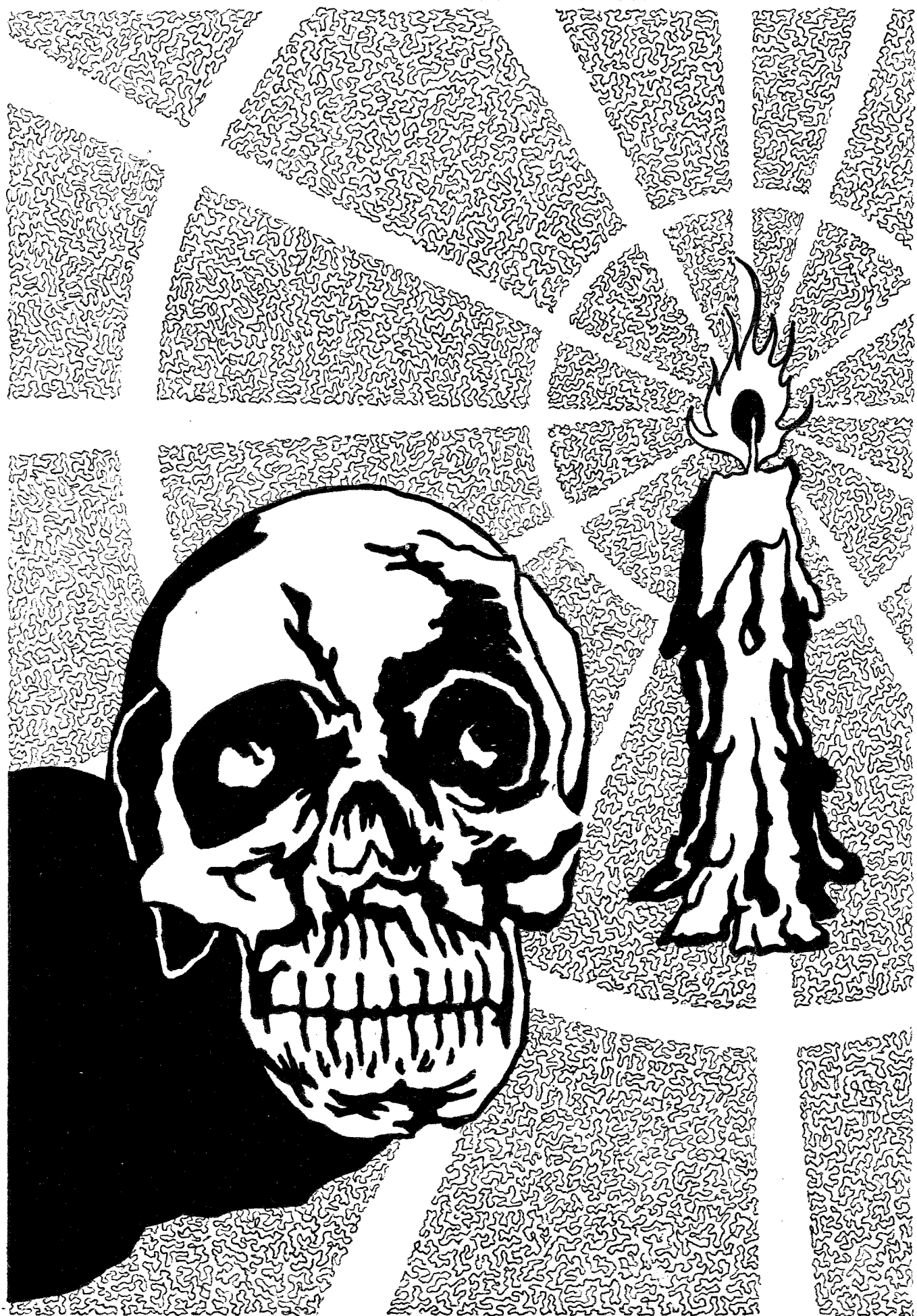


# MEERLON



★ SCHIMA  
19.02.89



Ano II Número 3 Janeiro 1990

EDITORES: Marcello Simão Branco & Renato Rosatti

Colaboradores: Gilberto Schoereder, Jeremias Moranu, Jorge Luiz Calife e Roberto de Sousa Causo

Colaboram nesta edição: Antonio Senna, Ivo Luiz Heinz, Omar Albio dos Santos Filho, Roberto Schima e Valdo Omirax

## EDITORIAL

No final do ano passado, recebemos a visita de três importantes figuras da FC americana: Frederick Pohl, Charles W. Brown e Elisabeth A. Hull. Por quatro dias estiveram no Rio e em S. Paulo, conversando e confraternizando-se com o fandom nacional. Participaram, inclusive, do lançamento de mais um livro da série GRD. Enfim, foi um autêntico presente de natal para os fãs.

Este acontecimento não é casual. Indiretamente foi ocasionado pelo momento que a FC vem tendo aqui no Brasil, por parte de seus fãs. 1989 foi um ano rico: surgiu o primeiro clube oficial de Star Trek, o Prêmio Nova se efetivou como algo de prestígio, o lendário GRD voltou à carga lançando uma nova série de FC, apareceram novas talentos - publicados -, como H.V. Flory e Bráulio Tavares, o CLFC elegeu nova diretoria, que mostra-se tão dinâmica quanto a anterior, os fanzines se estruturaram, havendo uma saudável competição entre eles - e nisso, modestamente, MEGALON se inclui.

Começa 1990, e só podemos estar otimistas: deveremos ter uma segunda série de livros de FC(!), desta vez por iniciativa da Editora Aleph, administrada, não por coincidência, por dois fãs de FC.

Quanto a nós, esperamos continuar participando do processo, colaborando no que for possível. Teremos

## ÍNDICE

### ARTIGOS

- Entrevista: André Carneiro 5
- Fandom Report 15
- Ômega - O Planeta dos Cond. 16
- S. Trek - Est. das Naves IV 17

### FICÇÃO

- Contos:
- O Toque de Midas 20
- Quadrinhos:
- Batalha Macabra 27

### ILUSTRAÇÕES

- Roberto Schima capa
- Roberto Schima 26

### SEÇÕES

- Diário de Bordo 13
- Poster 19
- Ciência 22
- FC BR 23
- Classics 25
- Contatos 14

### ENDEREÇOS

- Correspondência e envio de trabalhos: Av. Clara Mantelli, 110 04771 S. Paulo, SP Brasil
- Assinaturas: Rua Irmão Ivo Bernardino, 40 04773 S. Paulo, SP Brasil

Ver condições de assinatura na página 21.

- H. V. Flory terminou a versão final de seu primeiro romance e alguns trechos dele foram lidos no encerramento do "Criatório de Texto", atividade das Oficinas Culturais Três Rios. O encerramento foi realizado no dia 17 de novembro, às 20:00 horas.

- O 4º Livro da "Ficção Científica CRD", coleção organizada pelo histórico editor Gumercindo R. Dorea, será uma reedição de Só a Terra, de Fernando de George R. Stewart. Já o Nº 5 deverá ser a coletânea de contos de José Fernandes, autor carioca muito apreciado entre os fãs.

- Surge mais uma linha de FC no Brasil, com o título provisório de "Quasar", pela Editora Aleph. A editora é de propriedade de Pierluigi Piazzini e a linha será coordenada por Silvío Alexandre Ferreira, ambos fãs e membros do CLFC. A editora já iniciou contatos com Orson Scott Card, que deverá pertencer à lista de autores a serem publicados em 80 — possivelmente com seu premiadíssimo Under's Game (Hugo e Nebula).

Outro projeto para "Quasar" é uma coletânea temática por autoria brasileira, com o tema "informática". A intenção dos responsáveis é lançar um livro pioneiro, com a inclusão de autores nacionais. Até o momento eles têm demonstrado grande dedicação e confiança neste projeto, ao qual desejamos boa sorte!

- Foi lançada a 2ª edição revisada e ampliada da ótima coletânea carioca Verão... Verão... com uma tiragem de 2 mil exemplares! Não deixe de obter seu exemplar — antes que acabe!

- Simone Sandressig, conhecida fã e escritora ligada ao CFC Antares, de Porto Alegre, lançou seu 2º livro, O Palácio de Ifê, pela L&PM.

- É notícia para o fandom nacional: o Boletim Antares, 2º mais antigo fanzine de FC em atividade, anunciou que se encerrará no Nº 40. A editora e presidenta do Antares desde o surgimento do clube, Jane Terezinha M. de Souza, passará o bastão para Alice Gardiana Alves. Esperamos que o Boletim Antares seja substituído por um fanzine tão representativo quanto ele e que a mudança na direção traga fôlego novo para o importante clube gaúcho.

- Fontes confiáveis comunicam que a Frota Estelar Brasileira, fã clube de Star Trek, extinguiu-se após alguns meses de atividade. A notícia explica que eles estavam comercializando a marca e foram pressionados pela sua detentora, a Paramount. É o que já ouvimos falar da música. Que sirva de exemplo para todos que apesar das dificuldades não desistem.

- O outro fã-clube de Star Trek, o Trekkers' Club, realizou em 17 de novembro às 19hs a sua 1ª assembleia após a de fundação. O evento se deu na cidade de Porto Alegre. O clube parece agir com toda seriedade e credência. Vida longa e próspera!

- Lançado no Brasil a fita do primeiro piloto da série Jornada nas Estrelas, The Egg, a primeira tentativa de Gene Roddenberry em lançar a sua space opera para a TV americana. O piloto nunca foi ao ar, mas a CIC Vídeo traz até nós essa peça de "valor histórico".

- Ainda sobre Star Trek, a revista "Set - Horror e Ficção" Nº2 trouxe uma matéria sobre a série, assinada por Sérgio Aguiar, conhecido trekker e frequentador das reuniões do CLFC.

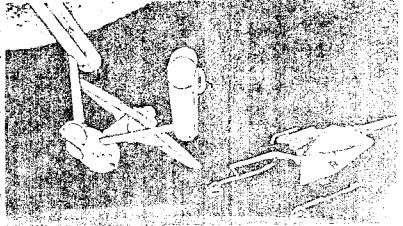


H. V. Flory analisa as críticas que seu livro de estréia, Só Sei que Não Vou por Ai: "Achei as críticas bem fundamentadas, argutas e ácidas. São válidas, em sua maioria, e sem dúvida é este tipo de crítica, construtiva e sem "papas na língua", que poderá me ajudar efetivamente na melhoria do meu trabalho. Agradeço sinceramente a quem se preocupa com este tipo de ajuda."

É com respeito a seu último trabalho: "O Livro do Gato" que quase terminou. Não há um título definitivo, mas o provisório mais duradouro é Evolução. Já existem duas versões do romance, sendo que a última já está publicada na URSS.

O manuscrito do romance estava na editora quando recebeu uma solicitação de alguns editores locais, pedindo títulos de FC nacional.

Quais são seus próximos projetos? "Há um novo romance, do qual já elaborei uma quarentena de capítulos e estou pronto para iniciar o livro propriamente dito. Porém, planejo uma viagem, pela Europa e USA, que talvez me tome uns meses; será uma viagem de trabalho e pesquisa, andando de trem e ficando em casas de amigos. Há também um projeto de reeditar o breve romance (Evolução)... realmente não sei quais serão meus próximos passos."



**"Space . . . the final frontier. These are the voyages of the starship Enterprise. Its five-year mission: to explore strange new worlds, to seek out new life and new civilizations—to boldly go where no man has gone before . . ."**



MELHOR ROMANCE

Cyteen, C. J. Cherryh (1º)  
 Red Prophet, Orson Scott Card (2º)  
 Falling Free, Lois McMaster Bujold (3º)  
 Islands in the Net, Bruce Sterling (4º)  
 Mona Lisa Overdrive, William Gibson (5º)

MELHOR NOVELA

"Schrödinger's Kitten", George Alec Effinger  
 "Peaches for Mad Molly", Steven Gould  
 "Do Ya, Do Ya, Wanna Dance", Howard Waldrop  
 "Function of Dream Sleep", Harlan Ellison  
 "Ginny Sweetlips' Flying Circus", Neal Barret, Jr.

MELHOR CONTO

"Kirinyaga", Mike Resnick  
 "The Giving Plague", David Brin  
 "Ripples in Dirac Sea", Geoffrey A. Landis  
 "Our Neural Chernobyl", Bruce Sterling  
 "Stable Strategies for Middle Management", Eileen Gunn  
 "The Post Moxie Branch", Jack McDevitt

MELHOR ARTISTA PROFISSIONAL

Michael Whelan  
 Don Kaitz  
 David Cherry  
 Thomas Candy

MELHOR SEMIPROZINE

Locus  
 Science Fiction Chronicle  
 New York Review of SF  
 Interzone  
 Thrust

MELHOR ARTISTA FÃ

Diana Gallagher Wu  
 Brad W. Foster  
 Stu Shiffman  
 Teddy Harvia  
 Tara Wayne  
 Werle Insinga



C. J. CHERRYH

MELHOR NOVELA

"Last of the Witchesages",  
 Connie Willis  
 "Scalehunter's Beautiful  
 Daughter", Lucius Sappington  
 "Journals of Plague Years",  
 Norman Spinrad  
 "Galvin Coolidge Home for  
 Dead Comedians", Bradley De-  
 lton  
 "Surfacing", Walter Jon Wil-  
 liams

MELHOR APRESENTAÇÃO DRAMÁTICA

Who Framed Roger Rabbit  
 Beetlejuice  
 Big (Quero Ser Grande)  
 Willow  
 Alien Nation (Esquadrão Alien)

MELHOR EDITOR PROFISSIONAL

Gardner Dozois (Analog) (1º)  
 David G. Hartwell (NY SF Review) (2º)  
 Stuart L. Sherman (PWSF) (3º)  
 Stanley Schmidt (Analog) (4º)  
 Charles G. Waugh (NY SF Review) (5º)

MELHOR ESCRITOR NOVO

Dave Langford  
 Mike Glycer  
 Arthur D. Hlavaty  
 Avedon Carol  
 Chuq Von Rospach

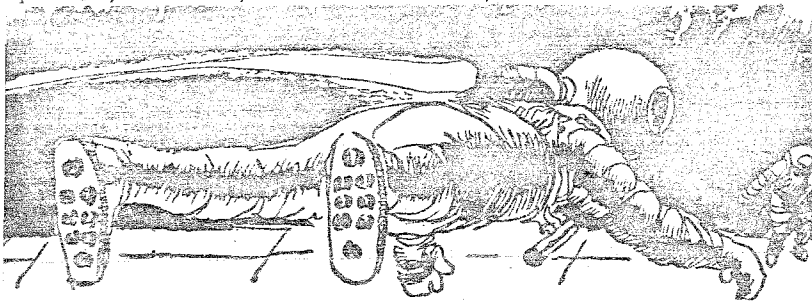
Guy H. Lillian, III

PRÊMIO JOHN W. CAMPBELL PARA O MELHOR ESCRITOR NOVO ENTRE 1987/88  
 1. Michaela Roessner; 2. Delia Sherman; 3. Christopher Hinz; 4. Kristi-  
 ne Kathryn Rusch; 5. Melanie Rawn; 6. P. J. Beese & Todd Cameron Ham-  
 milton; 7. William Sanders.

- Segundo pesquisa feita pela Locus, as revistas mais lidas nos EUA, no campo da FC são: 1. Asimov's; 2. PWSF; 3. Analog; 4. SF Chronicle; 5. Omni e Aboriginal SF; 6. Weird Tales e Twilight Zone; 7. PW; 8. Thrust e Interzone; 9. File 770. A pesquisa também registra um de-  
 crescimento de leitores, tendo em vista que o mercado para histórias curtas vem sendo domina-  
 do pelas antologias dos "Melhores do Ano", que não são poucas.

- Bruce Sterling venceu o Prêmio Memorial Campbell (não confundir com o já mencionado) pa-  
 ra melhor romance de FC de 1988, o seu aclamado Islands in the Net. O prêmio foi conferi-  
 do pela 16ª vez por um comitê formado por professores e escritores americanos e ingleses.  
 O 2º lugar ficou para The Gold Coast, de Kim Stanley Robinson e o 3º, Dragonsdawn, por An-  
 ne McCaffrey. Participaram da cerimônia Frederik Pohl e Elisabeth Anne Hull, que esteve--  
 ran no Rio de Janeiro em dezembro último. (5 em São Paulo também)

- Na mesma cerimônia foi entregue o Prêmio Memorial Theodore Sturgeon, para melhor conto  
 de 1988, vencido por "Schrödinger's Kitten", de Effinger. 2º lugar, "Do Ya, DoYa, Wanna  
 Dance", de Waldrop e 3º, "Stair", de Neil Barrett, Jr.



## ENTREVISTA: **ANDRÉ CARNEIRO**

É com grande honra e satisfação que MEGALON, começa 1990 com uma entrevista exclusiva com a principal figura da ficção científica nacional - em entrevista concedida a MARCELLO SIMÃO FRANCO.

Acompanhe a seguir, suas idéias, pensamentos, revelações, planos e passagens marcantes da ficção científica e de sua vida pessoal.

MEGALON - Como começou seu interesse por FC?

ANDRÉ - A denominação vem depois da criação. É mais uma classificação didática. Eu sempre gostei de literatura e comecei a escrever...

MEG - Quer dizer que começou a escrever FC sem saber?

AC - Sim exatamente. Se, em 1874, alguém por trás do ombro de Manet perguntasse: "Esse quadro é impressionista?", talvez ele respondesse: "É um quadro, e eu estou gostando". Quando eu escrevi meu primeiro conto de FC, se alguém a firmasse: "Esse é de FC", eu responderia: "Ah é? Eu não tinha nota do".

MEG - Você tem autores que o influenciaram, influenciaram?

AC - Quando me fazem essa pergunta meu primeiro ímpeto é dizer que não. Talvez porque quando escrevia (eu escrevo) FC, eu não pensava em obras ou autores especiais. Porém o inconsciente governa sempre nossas tendências. Huxley, principalmente em Brave New World, eu admirava muito. Lembrando, sei

que o gênero FC me dava a satisfação curiosa de penetrar em mistérios e projeções fascinantes sobre o destino humano.

MEG - Quando foi publicada sua primeira obra?

AC - Se eu for até a estante, posso descobrir. Mas eu odeio datas. Confundo anos distantes, não sei a idade de meus filhos, nem a minha. Com vocês, amantes da FC, é difícil, vocês sabem tudo, mas com outras pessoas tento apagar minha história pessoal, o



mo Castañeda, porque ela sobrecarrega demais.

MEG - Como conseguiu firmar-se como escritor de FC num país como o Brasil?

AC - A pura verdade é que não consegui firmar coisa nenhuma. A crítica me considerava um poeta. Noventa e cinco por cento das minhas credenciais como escritor de FC vem do estrangeiro. Sei que consto como verbete de três ou quatro enciclopédias lá fora. Quando Putnam, a maior editora americana, publica sua seleção anual dos melhores contos de FC no mundo e coloca com destaque na capa dura "THE DEFINI-



TIVE 'YEARS BEST' SELECTION, FEATURING WORKS BY KEITH ROBERTS, JOE W. HALDEMAN, ANDRÉ CARNEIRO, AND OTHER AMERICAN AND INTERNATIONAL MASTERS" eu me sinto muito recompensado e valioso. Afinal eles compraram o conto de outro editor, não sei quem e como, mas eu recebi os 10%. Apesar dessas vitórias esporádicas - importantes para mim, naturalmente - sou um principiante, comparado com aqueles escritores americanos e ingleses, com muito mais de cem livros publicados, sem contar antologias...  
MEG - Qual das suas obras lhe deu maior prazer?

AC - A lembrança do prazer, em qualquer setor, não coincide, necessariamente, com a qualidade ou importância do evento. Muito jovem, morando no interior, quando o maior jornal de São Paulo, pela primeira vez, publicou um artigo meu - sobre arte -, eu fiquei inundado de felicidade. Dentro da FC, há um conto chamado "Pingos Vermelhos", nome mudado depois para "O Princípio do Fim" (ou vice-versa) que acumula três lembranças muito gratificantes. Fui diretor de uma editora pertencente à Revista dos Tribunais. Um dia alguém de lá me chamou até a oficina porque um escritor queria me conhecer. Era um senhor simpático que sorriu e disse: "Você não me conhece, mas eu o conheço. Há dez anos, dirigi, por algum tempo, o Suplemento Literário de 'O Estado de S. Paulo', quando saiu lá publicado seu conto 'O Princípio do Fim'. Você notou que não havia nenhum erro de revisão no conto?" Eu não me lembrava, mas disse que sim, que estava perfeito e ele acrescentou: "Eu gostei tanto daquele conto que mandei colocar na minha mesa, eu mesmo fiz a revisão". Eu devo ter balbuciado algum agradecimento, era um grande elogio o

diretor fazer a revisão e lembrar-se disso dez anos depois.

A segunda história, sobre o mesmo conto, é meio inverossímil, parece exagero, mas aconteceu. \* Lá encontrei alguém meu conhecido que logo disse: "Que bom que você está aí, vou lhe apresentar uma admiradora sua, ela vai ficar contente de conhecê-lo". Fomos procurá-la, era uma senhora de meia idade que afirmou gostar do que eu escrevia. Eu já estava muito satisfeito com essa opinião e ela, meio contrafeita e tímida abriu a bolsa e tirou de um canto um recorte de jornal velho e amassado. Era "O Princípio do Fim" e já fazia talvez uma década, pelo menos que eu o tinha publicado. Fiquei sem o que dizer, ela não sabia que iria me encontrar, portanto levava o recorte sempre na bolsa: "Gosto tanto dele que levo comigo..."

A terceira história que, vejo agora, cronologicamente deveria ser a primeira, é a seguinte. Alguém mostrou-me uma notícia de um jornal de Rio. Lá estava: "Gumercindo Rocha Dórea vai publicar a primeira antologia brasileira de FC. Constan os nomes de Raquel de Queiroz, Dinah Silveira de Queiroz, Fausto Cunha, André Carneiro etc, etc." Fiquei admirado, eu nem conhecia o Gumercindo. De fato, a antologia saiu, nada menos, com o conto "O Princípio do Fim", que ele extraíra do Suplemento de "O Estado" e uma biografia totalmente inventada, juntamente com a afirmação de que publicaria brevemente um livro meu de FC. Mas não foi o GRD que o publicou. Um editor de São Paulo convenceu-me a lhe dar os originais e foi assim que aconteceu. Acho que é justo citar que foi o Gumercindo que descobriu que eu escrevia FC... E também lembrar que, se eu tinha dois

\* em uma festa

editores disponíveis naquele tempo, agora não tenho nenhum.

**MEG** - Qual a importância da geração GRD para a FC nacional? Qual o papel de Dórea no processo?

**AC** - Não meditei ainda sobre o assunto, mas, à primeira vista parece que, descontando alguns poucos nomes aparecidos depois, a FC nacional é quase a mesma, a seleção só pôde contratar alguns jogadores a mais, não deu para substituir o time inteiro. O Gumerindo tem um papel importante. Como negociante ele é um fracasso. Como tem bom gosto e ama a FC editou o que havia de melhor naquele tempo, entre os estrangeiros e nacionais, E, para vergonha nossa, salvo engano meu, que terei o maior prazer em corrigir, o GRD é o único editor que sabe o valor e conhece a literatura de FC. Disse que é um fracasso porque "qualidade" é coisa desvalorizada neste país.

**MEG** - O que pode nos dizer sobre outros autores, como Rubens T. Scavone e Fausto Cunha?

**AC** - O Rubens é um grande amigo meu. No tempo em que os grandes jornais davam espaço para a literatura, escrevi um artigo de meia página sobre um livro seu. Até o seu último livro de FC juvenil eu comentei em uma resenha para a revista "Afinal". Fausto Cunha, idem, tenho a maior admiração por ele, embora nos encontremos raramente. Há alguns anos, por encomenda de uma grande enciclopédia americana, escrevi um verbete sobre sua obra. Muitas vezes ele me elogiou em seus artigos sobre FC.

**MEG** - Foi Jerônimo Monteiro o precursor da FC nacional?

**AC** - Cronologicamente existiram trabalhos anteriores, como os

de Monteiro Lobato, etc. No meu Introdução ao Estudo da Science Fiction eu cito alguns nomes. Jerônimo Monteiro tem sido lembrado como precursor, porque publicou pelo menos três livros sobre o assunto na época. Ele se intitulava um escritor de FC, ao contrário de outros que só escreveram FC esporadicamente. Ainda há poucos meses Geraldo Galvão Ferraz o citou como precursor, comentando sua preocupação ecológica com a Amazônia no livro Três Meses no Século 81, publicado em 1947.

**MEG** - Por que a geração GRD não expandiu seus horizontes, não estimulou o surgimento de novos talentos?

**AC** - A pergunta insinua que novos talentos não surgiram. Pode-se dar uma outra interpretação. O movimento de FC que nós fizemos, e que GRD contribuiu para expandir, pode ter alimentado o aparecimento de MEGALON e seus fãs, o CLFC - que eu acho notável - etc., etc.

**MEG** - Você tem inúmeras obras editadas no exterior. Como é ser mais conhecido lá fora do que no seu próprio país?

**AC** - Quando eu era muito jovem (ou mais jovem), criei um jornal literário chamado "Tentativa". O jornal era ambicioso, como eu. Tinha o título desenhado pelo Aldemir Martins e o primeiro número uma bela apresentação de Oswald de Andrade. Publicamos entrevistas e trabalhos dos melhores escritores. Tínhamos representantes em vários estados brasileiros, mais Portugal, Argentina e... França, com notícias diretas. Foi conhecido como o melhor do Brasil, na época. Como nosso representante francês era alto funcionário do governo, consegui que - por serviços de intercâmbio cultural etc. e tal - eu fosse condecorado com uma Medalha de Prata da Cidade de Paris, patrocinada pelo Ministério do Exterior, tam, tam, tam... O jornal era editado em Atibaia, por in-

crível que pareça. Como ninguém tomava conhecimento de nada, um dia eu resolvi colocar em moldura meu diploma de medalhado, acima de minha mesa no escritório da loja de material de construção que eu herdara do meu pai. Pois bem, durante um ano ninguém fez o menor comentário. Engavetei o diploma até hoje e jamais citei em meu currículo - afinal esses diplomas são mesmo ridículos. Faço essa comparação, porque o fato de eu ser mais conhecido lá fora já me serviu muito lá fora, mas aqui é um diploma invisível. Confesso que as publicações - como as que tem saído no Japão, ultimamente -, me causam uma grande alegria compensadora, fico até esperando um editor brasileiro me dê uma condecoração verde-amarela que eu ostentarei no peito nas reuniões do CL FC - porque devem ser os únicos que me conhecem como escritor de science fiction.

**MEG** - Quais são seus principais contatos no exterior?

**AC** - Sou um assumido incompetente para promoções e contatos. Outro que tivesse tido as oportunidades que eu tive faria muito melhor. Já que sou incompetente, tenho de repetir a história, que muitos de vocês conhecem. Em 1969 organizei no Rio o maior e mais badalado Festival Internacional de Cinema que o Brasil já teve. A figura lendária de José Sanz, recentemente falecido, era um dos organizadores. Amante competente da FC, ele idealizou, ligado ao Festival, um Simpósio de FC Internacional. O Brasil é um país de contrastes e loucuras. O José Sanz conseguiu os milhões de dólares necessários e o Brasil teve um dos maiores e mais extraordinários congressos de FC já feitos no mundo, segundo a opinião dos escritores estrangeiros presentes. Projetou-se os

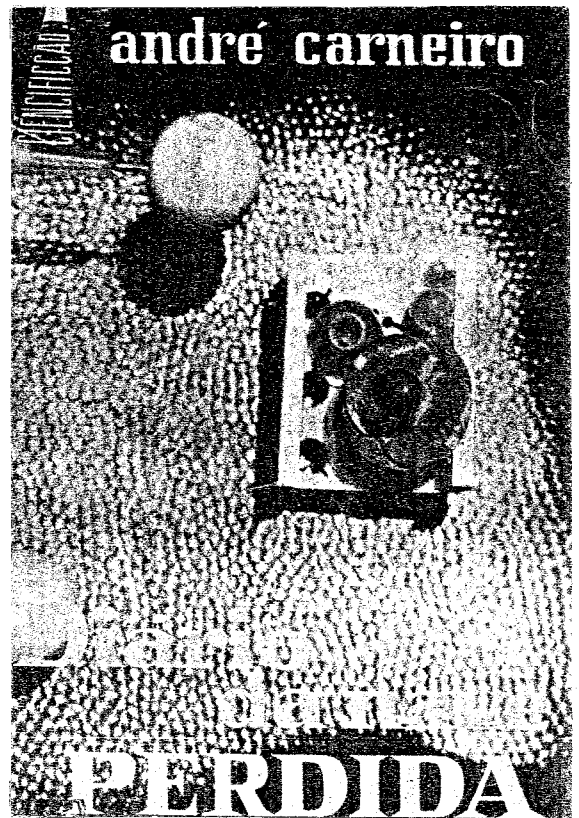
melhores filmes de FC feitos até a época, e vieram dezenas de cineastas, roteiristas, artistas e escritores de FC de todo o mundo. Para passar dois dias no Brasil, Arthur Clarke veio do Ceilão receber um troféu pelo 2001, que eu lhe entreguei. Quem deveria presidir um Simpósio dessa envergadura? Pela lógica, um Fausto Cunha, que sempre morou no Rio, ou Raquel de Queiroz, da Academia, ou... Cabis a José Sanz escolher o "chair-man". Em uma entrevista dada à maior revista brasileira da época, José Sanz afirmou que o melhor escritor de FC brasileira era André Carneiro e que me escolhia para presidir o Simpósio. Eu morava em Atibaia e estremei. Meu francês era bom, mas meu inglês só dava para conversar com Tarzan... Sou tímido mas não sou louco. Quando ele oficializou o convite por telefone eu aceitei, afirmando logo que não sabia inglês (a língua oficial do Simpósio era a inglesa). José Sanz disse que não me preocupasse, havia dúzias de tradutores. Até hoje acho que a minha escolha deve ter sido um golpe diplomático, o Sanz se livrava da dificuldade de escolher um carioca e ele era conhecido e amigo de todos... Minhas credenciais para os estrangeiros eram dois livros de FC e o Introdução ao Estudo da Science Fiction, que repercutiu muito entre eles - Harry Harrison escreveu que era o melhor escrito até a aquela época. Damon Knight traduziu um pequeno conto meu, Brian Aldiss ficou amigo meu, acompanhei Arthur Clarke no Rio, assisti 2001 ao lado e Metropolis ao lado de Fritz Lang, já velhinho. Deve ter sido por essa época, não me lembro, em um congresso de escritores em Brasília, que conheci Leo L. Barrow, professor da Universidade do Arizona, em Tucson. Sabendo português muito bem, gostou da minha litera-



tura e traduziu "Escuridão" (Darkness), logo editado em uma antologia americana. Esse conto foi comprado por vários editores - inclusive por uma editora de uma universidade que o incluía em um livro diário ao lado de Huxley, Solzheiziteyn, Gabriela Mistral, Chekhov, Brecht, D.M. Lawrence, Gandhi, etc. Joe Randolph, morador de Washington, descobriu um livro meu de FC na célebre Biblioteca do Congresso, conhecia português e pediu autorização para me traduzir, o que fez algumas vezes. Sam Lundvall, conhecidíssimo na Europa e URSS mas não traduzido no Brasil, me publicou na Suécia. Domingos Santos, escritor e editor espanhol, achou um livro meu no "sebo", em Barcelona. Escreveu-me que fora uma surpresa, não sabia da FC brasileira, pediu ordens para me traduzir e eu fui publicado várias vezes em "Nueva Dimension", uma das melhores revistas de FC internacional. Antologias americanas com trabalho meu foram traduzidas no Japão, recentemente. Uma das suas excelentes revistas (com 400 páginas!!) publicou há pouco uma entrevista com foto, pena que até hoje não consegui traduzi-la. E assim por diante...

MEG - Fale-me dos principais temas que você aborda. Você se define como escritor hard ou soft? Até que ponto essas classificações são válidas?

AC - Há um tema que eu tenho perseguido, sexo no futuro e suas implicações. Piscina Livre trata desse assunto e Amorquia, livro inédito, também. Não tenho nem vontade de lembrar de que já escrevi e me catalogar de hard ou soft. Me interessa mais a qualidade literária em qualquer classificação. Não quero admitir que sou isto ou aquilo, porque posso mudar amanhã. Classificações são didáticas e ajudam o crítico a situar a obra.



Isso quando o crítico é bom. Se não for só confunde e atrapalha. MEG - Você concorda com a tese de que, como a literatura policial, a FC seja fenômeno eminentemente anglo-americano?

AC - Não, não concordo. O Brasil sempre foi colônia cultural e uma colônia econômica. Estatisticamente, para nós, cinema é um fenômeno americano, já que cerca de 80% dos filmes aqui projetados vem de lá. Jornalismo, idem. Qualquer foca de redação sabe que toda notícia internacional chega aqui pelo funil das agências americanas. Idem, idem, idem a ficção científica. A última antologia que publiquei chama-se Tales from Planet North - A Novel with Nineteen Authors. Foi editado por Frederik Pohl e traduzido em várias línguas. Os autores, convidados são dos EUA, China, Canadá, Brasil (eu), Tailândia, Itália, Tchecoslováquia, Irlanda, Austrália, Noruega, Bulgária, Inglaterra, Uruguai, Polónia, Suécia, China (comunista), Alemanha Oriental, Japão.

Ben, qual dos fãs brasileiros conhece a FC da Tailândia? O conto de Sontow Sucharitkul é uma obra prima. É evidente que a FC anglo-americana é a mais abundante, mas isso pouco representa em termos de qualidade, aquilo que fica. Existe um dado curioso sobre a poesia brasileira. 97% da poesia publicada é chamada literatura de cordel, nordestina. Embora seu valor sociológico e folclórico seja notável, o que vale mesmo são os 3% restantes Drummond, Cecília, etc. O que vemos e sabemos da literatura sul-americana? Nada ou quase nada. Quando estive nos EUA a situação era inversa. Em aulas de literatura sul-americana não se falava uma palavra de Brasil. Por isso, quando se afirma que a FC seja fenômeno americano-inglês é bom destacar o que vale, dados qualitativos. Aliás, eu não tenho aqui estatísticas, mas estou informado que a FC soviética edita muito mais quantidade do que a americana. Só por isso ninguém acha que é um fenômeno soviético. Se quisermos ter uma opinião justa e equilibrada sobre a FC mundial, devemos afirmar que ainda não temos acesso ao que se publica em todo mundo de maneira equitativa, portanto não há meios para saber de quais países autores de FC serão os clássicos daqui a décadas.

**MEG** - E o romance policial?

**AC** - Tenho uma tese sobre o romance policial. Vou resumí-la, é muito longa, por isso alguma coisa ficará superficial. O romance policial é preso a limitações que a FC não tem. Seu enredo obrigatoriamente gira em torno de um crime (ou crimes), e a investigação feita para a descoberta do criminoso. Essa característica só pode ser desenvolvida em países civilizados, que respeitam os direitos dos cidadãos. Na Inglaterra, o suspeito é considerado inocente, até que se prove o contrário. No Brasil, o suspeito é

considerado culpado, até que o mesmo prove a sua inocência. Não obstante às clássicas exceções, como Crime e Castigo de Dostoevski, Simenon, Chesterton, etc., que fizeram literatura de primeira qualidade com o assunto do romance policial, as próprias regras culturais e sociológicas da investigação policial limitam o desenvolvimento do gênero em países do terceiro mundo ou em aqueles em que o aparato policial não investiga, mas julga a priori. Os organismos defensores dos direitos humanos acusam anualmente o Brasil de torturar suspeitos acusados. A "investigação", no Brasil, só é efetuada nos raros crimes cometidos nas altas classes sociais. Exemplo: o crime da Rua Cuba. Acontecesse o mesmo em uma favela e o "pau-de-arara" revelaria o criminoso por confissão do crime (mesmo que fosse inocente). Em crimes menores, furtos e contravenções, a praxe é o acusado levar "pau" ao entrar no xadrez, uma sova que, às vezes, mata o suspeito. Peguem os suspeitos da Agatha Christie e os ponham sob tortura. O romance termina nas primeiras páginas. Mas, em essência, como o que vale é a qualidade e não a quantidade, podemos repetir aqui as considerações sobre a FC na escolha das traduções. Simenon, por exemplo, se fosse americano ou inglês, venderia mais que Agatha Christie. Existem ótimos autores de romance policial na Suécia.

Devemos exercitar nossa inteligência para enxergar o mundo sem viseiras estreitas, estar sempre aberto a interpretações opostas a aquelas estabelecidas. Todo o assunto desta entrevista, lida por um chinês continental, seria inteligível. O que falamos aqui é completamente desconhecido por ele. E, estatisticamente, de cada cinco pessoas, uma é chinesa. Nem

por isso, deveríamos acatar somente o "seu" ponto de vista, só por que eles são mais de um bilhão de habitantes. Tratando-se de "anglo" façamos o mesmo.

MEG - O desenvolvimento científico-tecnológico de uma nação está relacionado com o desenvolvimento de sua PC?

AC - Por um breve tempo cheguei a pensar assim, embora desconfiado. Vou dar um exemplo muito claro que desmente aquela hipótese. A televisão brasileira, antes da liderança Global, era uma coisa muito primitiva, bem de acordo com nosso sub-desenvolvimento científico-tecnológico. Se me perguntassem na ocasião, se eu acreditaria que a televisão brasileira dentro de poucos anos, seria uma das melhores do mundo, e que exportaria novelas de melhor qualidade do que as americanas ou europeias eu daria uma gargalhada e provaria exaustivamente, que isso nunca poderia acontecer, daria exemplos da pobreza do nosso cinema, bem de qualidade, mas pouco de recursos, etc., etc. Mas aconteceu. Tenho procurado razões, que não vou expor aqui, porque não estou muito certo delas. Muitas teorias sociológicas e "previsões" de desenvolvimento têm se chocado com realidades inesperadas (vide técnica japonesa, ou a Bolívia controlando sua inflação e o Brasil, citava economia do mundo, cogando sua sarna incurável). Os teóricos -- anglo-americanos sempre puxando a brasa para a sua sardinha -- têm procurado descobrir as variáveis e complexas razões dos fenômenos econômicos, artísticos, e suas motivações. O assunto é extremamente discutível, vamos esperar mais cinquenta anos para analisá-lo, talvez de um ponto de vista mais alto, um satélite particular a 500 quilômetros de altura.

MEG - No romance Piscina Livre o amor e a liberdade são muito enfatizados. Você crê que estes são os mais importantes valores humanos?

AC - De uma maneira abstrata, sim. Objetivamente, tem-se que dar ao ser humano igualdade de direitos e condições de uma vida confortável, com tempo para meditar no mistério do cosmos, fazer versos e escrever ficção científica, ou simplesmente "ficção" que, hoje, está começando a significar a mesma coisa...

MEG - Conte-nos mais da "famosa" Convenção de PC, no Rio, em 1969.

AC - Para mim sempre é mais fácil comentar assuntos limitados. O Festival de Rio foi um caleidoscópio fantástico, como se eu tivesse tomado uma droga que resumisse anos em alguns dias. Já contei umas histórias na revista SOMNIUM. Contar tudo, impossível, daria um romance. Lá vai uma história insignificante. Falei antes que meu inglês daria só para conversar com Tarzan, com a Jane por perto costurando sua tanga. Com os escritores europeus eu quebrava o galho com o francês, que eles conheciam, de modo geral. Conversei em esperanto com Harry Harrison, português com os sul-americanos e espanhóis e tapeei muitos "anglos" falando a-quele inglês de Fórmula 1: eu, muito atento, fazendo perguntinhas, acenando a cabeça, rindo, "Oh yes, indeed". Presidindo a mesa, logo no começo, com meia dúzia de frases elaboradas em horas; afirmei a verdade, que eu não sabia inglês e só contava com o auxílio dos tradutores. Houve dezenas de problemas com os escritores e cineastas estrangeiros, que eu resolvia no improviso brasileiro. Minha posição era enganadora. Tinha um apartamento

no Copacabana Palace com minha mulher, um carro com motorista mas, na verdade, eu era o rei da Inglaterra - só enfeitava, não mandava nada. Mas "eles" não sabiam disso. Muitos filmes de FC tiveram problemas na alfândega. Harlan Ellison, um dos jovens americanos mais importantes do Simpósio - pouco tempo depois vendeu uma história sua para Holly-wood por um milhão de dólares - trouxera um filme de FC, com roteiro seu e a alfândega não queria liberar por ridículas questões burocráticas. Ele fez um protesto público, bastante nervoso e com razão. As tantas, queixou-se da minha atuação, que não resolvera seu problema. Provocado diretamente, eu protestei, dizendo em inglês que a culpa não era minha ou coisa parecida. Ele parou o discurso, sorriu irônico e disse: "Este chairman é muito esperto, não sabe inglês só quando lhe convém..." Isso serviu um pouco para soltar minha língua e minha timidez. Daí por diante Tarzan (Jane, de tanga) falou mais no dialeto da selva. Hoje, eu e todos nós, na Augusta, Faria Lima ou Jardins, não temos outro jeito senão falar inglês: showroom, gallery, shoes, shortdoll, overdream, rent a car, place, sem aspas.

MEG - Além da FC, conte-nos algo sobre suas muitas outras atividades.

AC - Também não me sinto à vontade, me afogo em variedades incontroláveis. Comecei bem jovem a pintar, fiz crítica de arte, dei cursos, etc. Antes de Cavalcanti vir ao Brasil e criar a Vera Cruz, fiz filmes de 8 e 16 mm. Ganhei prêmios, etc. Também fiz críticas de cinema e roteiros profissionais. Fui diretor de propaganda de uma das maiores firmas nacionais, redação de publicidade, fotogra-

fia artística, dirigi comerciais e fiz (e faço) muitos roteiros. "Construo" quadros, faço capas de livros, fui advogado uma vez na vida, defendi um réu à pedido e nomeação de um juiz, participei de um grupo de estudos sobre drogas na Universidade do Arizona, uma época de minha vida dediquei-me à hipnose, tinha um consultório e curava pessoas, escrevi dois livros sobre o assunto, com grandes elogios do meio científico. Herdei do meu pai uma loja de material de construção, sei consertar quase tudo, instalo eletricidade, material hidráulico, azulejos, telefones, faço muros, desenhei uma casa e a construí (com um quarto secreto), estudei kumberlandismo e pres-tidigitação para entender de parapsicologia, construí bombas primitivas (embora já não entenda das "plásticas" modernas), fui juiz em concurso de beleza, poesia, fotografia, pintura, fiz um breve papel em filme pornográfico que nunca assisti, dirigi um avião de 40 passageiros de São Paulo a Brasília (é claro que não levantei vôo nem aterrissei), passei um terrível terremoto no Chile, quase um furacão em Cancun, em Madri fascistas me perseguiram aos berros, fui salvo por milagre, despenquei num elevador sem breque filmando a Igreja dos Santos dos Últimos Dias, fiz o primeiro rótulo do Café Pelé, cinco filmes com o Fittipaldi campeão do mundo, aprendi com ele a guiar defensivamente, participei de um espetáculo de magia com Cantarelli, um dos maiores do mundo, junto com Van Vogt, assisti uma conferência de Ray Bradbury sobre poesia, na Califórnia, pretendo fazer uma exposição fotográfica com mais de 300 nús artísticos, construí em meu quarto em forma de móveis mais de sessenta planetas, satélites, naves e cometas pintados com tinta luminosa destacados por luz negra, faço atualmente uma pintura dinâmica, que o espectador modifica

à vontade, fui presidente das juntas apuradoras de eleições, diretor artístico de uma cantora popular, etc., etc. É claro que escapotei o tempo da ditadura militar e outras coisas que acontecem na vida e são tristes e dramáticas. Devo ter esquecido aquilo que o inconsciente não tem muita vontade de soltar. Já me chamei Augusto, sou covarde sem perder a dignidade, conheço pessoas que fizeram coisas fantásticas e ninguém sabe ainda, mas espero contar um dia...

**MEG** - A FC tem sua base na literatura. Como você a vê em outros gêneros artísticos, como Cinema, TV, Histórias em Quadrinhos, etc.?

**AC** - Essa pergunta me arrasa. Como se me perguntassem a história da minha vida. Tenho tantas coisas a dizer, mas são muito longas e não muito simples. Fiz e faço cinema, amo o cinema. Desde 2001 e Solaris, a inteligência e a qualidade estética deram uma nova dimensão à arte do cinema. Faço por aqui, senão gasto a revista inteira. Na TV a FC se apresenta através do cinema. A TV ainda não cristalizou uma forma de expressão que a distinga sem dúvidas como uma nova arte. Mas acredito que chegará lá. Na HQ a FC, no começo era elementar e superficial, como na época dos monstros de olhos arregalados, no cinema. Agora, com os europeus e as novas versões do Batman, Super-Women, etc., dirigida para adultos, a HQ começa uma fase artística com respeito à forma e o fundo. Acredito que já se possa chamar a HQ de uma nova arte em nossa civilização tecnológica. Quanto a alcançar a mesma qualidade de uma boa obra literária, ainda é coisa rara e esperádica, mas, no futuro como em um livro de Sheekley (A 3ª vítima Vítima), eles serão também os clássicos. Não posso olvidar

um exemplo muito recente. Gosto imensamente de Menara e Crepax. Comprei há pouco Justine de Sade, na interpretação de Crepax. Vou a firmar algo que talvez deixe alguns críticos de cabelo em pé. Acho o Justine de Crepax melhor do que o original de Sade. A cínica e verdadeira mensagem de Sade, ficou mais nítida e chocante, a essência do livro com um impacto maior.

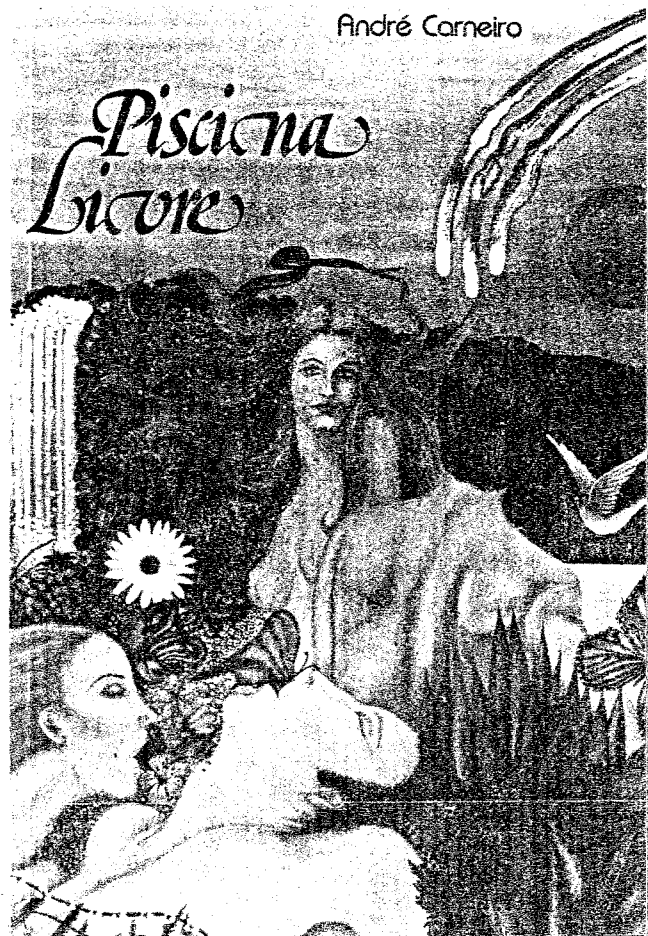
**MEG** - Como está, na sua visão, a FC no Brasil hoje?

**AC** - Não tenho lido todos os livros que aparecem. Mas, mesmo sem estatísticas, sinto no ar um interesse crescente animador. As revistas de fãs, como esta, e a do CLFC são indícios irrefutáveis.

**MEG** - Em que medida fãs-clubes e fanzines são importantes para fortalecer e divulgar a FC no Brasil?

**AC** - Posso assegurar que o Brasil nunca teve fanzines e clubes como tem agora. Sinto neles um entusi-

André Carneiro





asmo sólido, de gente competente. Essa competência me anima. Nunca imaginei que fosse aprender coisas da FC com os fãs. Isso tem a contecido, e é um grande incentivo.

**MEG** - Você pretende publicar algo brevemente?

**AC** - Sim, tenho um romance inédito e contos inéditos no Brasil. Estou me concentrando para ultrapassar minha incompetência promocional, procurar editores, etc. Me ajudem, por favor!

**MEG** - Como é a relação entre um editor e um escritor de FC no Brasil? O trabalho de FC é discriminado ou essa fase já passou?

**AC** - Eu nunca senti discriminação exatamente contra a FC, por parte dos editores. O que sempre houve e ainda há, é ignorância, desconhecimento. Uma senhora encarregada de selecionar edições há alguns anos me devolveu um livro de

## CONTATOS

### PASSINES

Recebemos o boletim informativo do L. RON HUBBARD'S WRITERS OF THE FUTURE CONTEST. Uma entidade que promove um concurso anual de estímulo a novos escritores de FC, com bons prêmios e publicação em uma prestigiosa antologia. Eles estão interessados em nos fornecer informações de suas atividades, assim como conhecer a FC brasileira. Estamos em contatos e aguardamos novidades para breve. Escreva: L. Ron Hubbard's Writers of the Future Contest Box 1630 Los Angeles CA 90078 USA

HIPERESPAÇO - THE NEXT GENERATION. Edição do Grupo-Rio que comemora um ano, com uma edição temática sobre sexo & erotismo na FC. Inclui um round-robin de nove páginas. Confira. Endereço de Assinaturas: a/c Eubenildo F. de Barros, Al. dos Instrutores Bl. A ap.

MEGALON - JANEIRO 90

FC com a afirmação de que não entendia e não sabia julgar o meu livro. Bem, na verdade, ela não entendia mesmo era de literatura. Um livro de FC para ela era uma tábua de logarítimos. Leitura difícil a FC é, evidentemente. Exige cultura, informação, consciência de modernidade. Os padrões culturais ainda se apoiam no século XIX. Huxley não devia ter chegado ainda na biblioteca daquela senhora. Mas eu vi a coleção completa de Balzac... Ainda existem pessoas que duvidam no Homem na Lua.

**MEG** - Você tem conselho a dar a quem pretende ser escritor de FC no Brasil?

**AC** - Quando ouço falar em conselhos eu sorrio. Eu vivo pedindo conselhos... Começar uma carreira literária é difícil em qualquer parte do mundo. Lá fora, depois de começada, pode-se ficar célebre, ganhar dinheiro, é só com a loteria, ou um cargo político.

401 Fortaleza de S. João, Urca 22 - 291 Rio de Janeiro - RJ.

EDITORIAL - Continuação da pág. 2 uma grande novidade em março, e nesta edição trazemos uma importante entrevista com nosso mais aclamado escritor, André Carneiro. Que este ano seja dinâmico e produtivo para todos nós que fazemos FC aqui no Brasil.

MARCELLO SIMÃO BRANCO

Publicação Bimestral. Aceita-se colaborações que ficam sob apreciação da editoria. Os trabalhos publicados ou não, não serão devolvidos e nem fazem jus a qualquer remuneração. Os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores e as opiniões emitidas são de responsabilidade dos autores, e não refletem necessariamente a dos editores.

Novos trabalhos são aceitos até dia 10 de fevereiro.

\*

# fandom report

\*

por ROBERTO DE SOUSA CAUSO

## COSMOS

### REALIDADE E FICÇÃO

Promovido pelo SESC com apoio de várias entidades - entre as quais o Instituto Astronômico e Geofísica da USP, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais e o Clube de Leitores de Ficção Científica - o Projeto Cosmos teve no dia 20 de outubro do ano passado um bom momento para os interessados em FC. Na data realizou-se o debate "Profecias da Ficção Científica e o Limite entre a Realidade e a Fantasia", dentro do Ciclo de Palestras "Mitos e Mistérios Cósmicos".

Confesso que fui ver o debate com reservas quanto ao tema. Constitui um mito entre os leigos de que a FC tem como uma de suas funções e talentos principais a previsão de artefatos ou novas tecnologias, o que representa um dos vários empecilhos para a afirmação da FC como literatura entre nós, brasileiros.

Outro receio era relativo à conferencista, uma professora de História chamada Marlene Suano e da qual ninguém entre os fãs ouvia falar. De imediato vem à mente um festival de preconceitos acadêmicos e visões arcaicas. Mas, felizmente a Prof. Suano foi uma agradável surpresa. Sua palestra foi uma impressionante abordagem da FC como um gênero que prega a necessidade de tolerância, a aceitação do relativismo e a fragilidade antropocentrismo humano. Traçou também de uma nova disciplina, a Historiografia das Mentalidades, para a qual a FC pode contribuir

com a sua visão diferenciada do momento histórico.

Estava previsto que, após a exposição de Suano, o restante dos debatedores faria suas intervenções e dirigiria a ela algumas questões. Isto só veio a acontecer com a última intervenção, de Roberto César do Nascimento. Mas a ausência a das perguntas não chegou a prejudicar o andamento do debate.

Com muita propriedade, Nascimento, Ivan Carlos Regina e André Carneiro - todos conhecidos do fandom - fizeram suas colocações, acrescentando concepções maduras e ousadas e, felizmente, afastando-se da idéia da FC como exercício profético.

O grosso do público era constituído de não-aficionados, pessoas que vinham seguindo o ciclo de palestras, em geral interessados em assuntos exotéricos. Algumas pessoas, porém, tiveram boa participação com perguntas, mostrando interesse e conhecimento mais aprofundados de FC. Curiosa foi a declaração de um senhor, narrando uma história pretensamente verídica, que poderíamos chamar de uma espécie de "Cocoon" nacional, onde alienígenas teriam produzido curas num grupo de cinco pessoas. Mas essa intervenção, um tanto fora de propósito do debate, além de outras, não foi capaz de tirar o brilho do evento.

O que se lamenta, acima de tudo, foi a mínima presença de figuras conhecidas do fandom nacional entre o público, notadamente os membros do CLFC, que receberam todos correspondência ao evento. Os que lá estiveram merecem ser citados nominalmente: Clavo Filac dos Santos Victor, Fritz Peter Bendinal-

(continua na pág. 16)

# ÔMEGA - O PLANETA DOS CONDENADOS -

Por Ivo Luiz Heinz

Esse livro é um novo lançamento da GRD, de profundo teor psicológico; gostei muito.

Não sou de área de Ciências Humanas, mas Ciências Exatas. Portanto meus conhecimentos de psicologia e/ou sociologia são poucos, mas acredito que o ser humano é produto do meio em que vive.

Em um distante futuro, os criminosos são submetidos à lavagem cerebral e levados ao planeta Ômega, onde devem recomeçar suas vidas; a única coisa sobre sua vida que lhe é informada é seu nome e de qual crime foi condenado, sem maiores explicações.

Imaginem um homem que não acredita que é assassino, vivendo entre pessoas que se orgulham de seus crimes. Uma sociedade anárquica até o extremo, que oprime os verdadeiros habitantes do planeta.

Os condenados formam uma caótica e surpreendente sociedade estratificada, e o mais interessante é que possuem leis, apesar de adorarem desrespeitá-las.

O paralelo traçado entre Ômega e a Terra é perfeito. Um é totalmente anarquista, possuindo até seitas que adoram ferverosamente o Demônio. O outro é puro, anti-séptico, orwelliano.

Este tipo de comparação eu já li em "Os Desapossuídos", de Ursula K. Le Guin, mas a maneira como o autor desse livro (Robert Sheckley) trata, é totalmente diferente, mais cáustica e, de certo modo, com humor negro.

Muitos dos condenados usam drogas e esoterismo para tentar recordar sua vida na Terra; descobrir o porquê de terem sido condenados. Os fragmentos que daí extraem ajudam a compor um confuso mosaico sobre a vida na Terra, já que não se lembram de qualquer detalhe.

É um livro para ser lido com o coração, a mente e a paciência para reflexão. Pense, logo após lê-lo, nos presídios, na Febem, e tire suas conclusões.

Será que, como no livro, muitos não são induzidos a serem bons ou ruins?

Encerro o artigo elogiando a capa, finalmente algo fiel à história, cujo desenho de autoria de meu amigo Causo é perfeitamente fiel a uma importante passagem do livro.

ÔMEGA - O PLANETA DOS CONDENADOS (Status Civilization)

Autor: Robert Sheckley

Editora: GRD

Série Clube GRD de Ficção Científica nº3 - 147 páginas

## FANDOM REPORT - ROBERTO DE SOUSA CAUSO - CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 15.

li, Silvio A. Ferreira e Luci Nascimento, totalizando 5 associados, com a minha inclusão. Isso é profundamente lamentável, sugerindo que os eventos da FC no Brasil compensam mais quando dirigidos ao público leigo e curioso, do que aos próprios fãs - na audiência haviam, descontando os citados, cerca de 200 pessoas.

Elogios especiais para a direção do SESC e à equipe eficiente organizadora do Projeto Cosmos, e em especial para o Sr. José Carlos Ferrigno, que desempenhou com muita sobriedade a função de mediador do debate.

# STAR TREK

## ESTUDO DAS NAVES DA SÉRIE IV

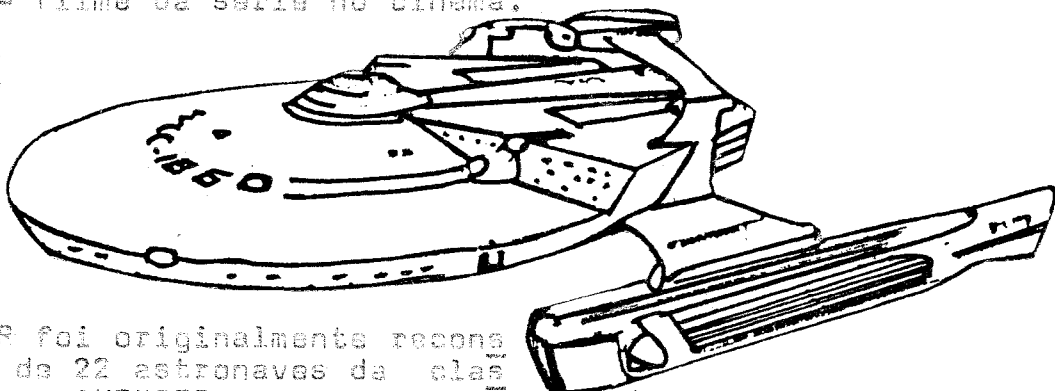
Por OMAR ALBIO DOS SANTOS FILHO

Depois de compararmos na edição passada as duas classes que originaram a ENTERPRISE, encerro esta série com a apresentação, descrição e histórico da classe AVENGER - equivalente a um destroyer da Marinha - que ficou famosa entre os trekkers, por apresentar a U.S.S. RELIANT, que envolveu-se numa espetacular batalha com a ENTERPRISE no segundo e talvez melhor filme da série no cinema.

CLASSE: AVENGER

TIPO: HEAVY  
FRIGATE

MODELO: MK-XI-B



A classe AVENGER foi originalmente reconstruída a partir de 22 astronaves da classe SURYA. A classe AVENGER possui como característica de desenho a classe DREADNOUGHT e a classe ARIEL SHUTTLE CARRIER. Este novo desenho possui uma aquisição de canhões faser com incrível poder de fogo. Possui 4 tubos de torpedos fotônicos (decke), onde ficam as chamadas naves de ataque (killer bees). A classe SURYA possuía essas naves de ataque, só que eram chamadas de work bees. Seus impulsores não tem a mesma potência que os impulsores dos cruzadores. Enquanto o tempo de resposta dos cruzadores para velocidade warp era menor, o das fragatas era alguns segundos maior, comprometendo certas ações de ataque. Mas seu poder de fogo era maior que dos cruzadores da classe CONSTITUTION e ENTERPRISE. Veja abaixo:

Especificações da classe AVENGER:

<u>Dimensão</u>		<u>Tamanho</u>	<u>Quantidade de pessoas</u>	
- Overall length	-----	236,0 m	- Oficiais	91
- Overall draft	-----	67,8 m	- Tripulantes	260
- Overall beam	-----	141,7 m	<u>Performance</u>	
- Primary Hull length	-----	179,1 m	- Velocidade máxima	
- Primary Hull draft	-----	32,9 m	Warp 11 (1331 C)	
- Primary Hull beam	-----	141,7 m	- Velocidade cruising	
- Mucelle length	-----	154,8 m	Warp 7 (343 C)	
- Mucelle draft	-----	19,3 m	- Aceleração-0 a .99 C em 17,01s	
- Mucelle beam	-----	12,6 m	- .99Ca warp em 1,13	

Deslocação

		<u>Engasa</u>
- Light	-----	144000 m.t
- Standard	-----	150000 m.t
- Full Load	-----	165000 m.t
		Warp 1 a warp 4 ----- .01 C
		Warp 4 a warp 7 ----- .73 C
		Warp 7 a warp 11 ----- 2.42 C

Potencial Bélico

- 6 standard phaser banks (12 phasers)
- 2 phaser cannons (4 mega-phasers)
- 4 photon torpedo tubes (40 photon torpedoes)
- 2 launching/receiving bays (16 "killer bees" assault pods)

História de classe AVENGER:

★ STAR TREK ★

NCC number	Nome	Laid Down	Commissioned
1001	Alcorby *	15 July 2251	12 May 2257
1000	Andara **	02 Dec 2250	22 Oct 2250
1070	Antiphalus ***	14 April 2257	12 Feb 2258
1002	Andara ****	02 7412 01	02 2597 79
1000	Avenger *	10 Nov 2255	07 Sept 2257
1000	Balthasar **	10 June 2250	17 April 2250
1001	Courageous *	10 Dec 2250	09 Oct 2257
1071	Dardarius **	00 June 2257	20 April 2258
1000	Dromis **	05 May 2250	12 March 2250
1002	Eduardus *	21 Feb 2250	01 Dec 2257
1072	Hippolita **	00 Sept 2257	10 June 2258
1000	Illustris *****	02 Jan 2250	00 Nov 2257
1075	Malkotia *****	00 2240 71	00 0119 00
1070	Max-Tek Ohio *****	00 0117 76	00 0701 71
1000	Orion *	10 July 2251	10 May 2258
1000	Odin ***	03 Oct 2250	17 Jan 2261
1070	Palacio **	00 Nov 2250	00 Sept 2258
1000	Reliant ***	00 June 2250	24 April 2250
1077	Resolution *	00 Jan 2250	10 Nov 2261
1074	Scepticon ****	00 0110 0	00 0301 77
1000	Vigilant ***	04 July 2250	26 May 2258
1070	Yoneda ****	00 2206 00	00 0207 17

- \* Space Fleet Division, San Francisco, Earth
- \*\* Vickers Ltd. (Spacecraft Division), Earth
- \*\*\* Star Fleet Division, Baltic Yards, Leningrad, Earth
- \*\*\*\* Jacklyn Hrella (Advanced Weapons Section), Earth
- \*\*\*\*\* Star Fleet Division, Kuba Kalbasala, Sooma Sooma, Arcturus 3
- \*\*\*\*\* Mendenhall-Cox Bunk, Andor
- \*\*\*\*\* Star Fleet Division, Rungel Sound Yards, Earth

o A NCC 1004 foi destruída após confronto com o cruzador INTERPRICE. Fica previsto, após esse confronto entre fragatas e cruzador, que seja comprada uma nave com poder de fogo superior aos seus vizinhos garantidos. Comandada pelo Almirante Yick, a INTERPRICE destruiu a fragata de nome RELIANT, que havia sido abandonada por um inimigo antigo do Almirante, quando ela estava ao posto do Capitão. Seu nome era Khan...





# THE ORIGINAL SCIENCE FICTION

SEPT. 1959

STORIES

35¢

PDC

BERK EDMONDS WANTED TO  
END AS AN EXPLORER

by Jim Harmon



THE INVADERS' CODE DECLARED  
TO ERR IS INHUMAN

by Marion Zimmer Bradley



EARTH MEN HAD FORGOTTEN--  
BEAUTY LIES IN THE  
EYE OF THE BEHOLDER

by Robert Silverberg



THE ORIGINAL SF STORIES. Na década de 50, proliferaram várias revistas de SF, que acabaram desaparecendo. Ao menos tiveram o mérito de lançarem e publicarem os primeiros trabalhos de muitos escritores hoje consagrados, como esta revista que apresenta nesta edição, contos de Robert Silverberg e Marion Zimmer Bradley.

# ficção

## O TOQUE DE MIDAS

Por Valdo Omirax

Como muitas outras jovens turistas Mardy Mendes viera às ilhas Canárias em busca de um bronzeado perfeito para exibir entre as amigas quando voltaesse para a universidade. Ela tinha escolhido com cuidado o seu cantinho ao ar livre, uma concavidade alisada pelas ventos no mar de lava petrificada na região oeste da Gran Canaria. Era suficientemente longe dos vilarejos e dos grandes hotéis para garantir que não seria incomodada por nenhum conquistador barato. Estendera a toalha felpuda e deitara-se sob o Sol esperando que os raios ultravioletas operassem seu milagre.

Quase adormecera quando sentiu uma presença ao seu lado. Assustada a garota se levantou, pronta a cobrir o corpo com a toalha, mas a pessoa que a observava não era um homem. Era uma mulher de seus trinta e poucos anos, elegantemente vestida, óculos escuros de desenho moderno combinando com o penteado elegante.

— Oh, desculpe querida. Não queria assustá-la. Eu ia passando quando a vi deitada e não pude deixar de reparar no seu belo corpo. Você tem uma plástica absolutamente perfeita. É tão jovem e adorável.

Mardy olhou desconfiada para a mulher que percebeu imediatamente o que ela estava pensando.

— Oh, não me entenda mal. Não sou uma lésbica em busca de um romance de verão. Sou escultora e costuro contratar moças jovens e fisicamente bem dotadas como você para posarem para mim. É uma boa maneira de ganhar um dinheiro fácil nas férias. Se lhe interessar aqui está o meu cartão. Tenha um bom dia querida.

O cartão dizia Waxmina Tremador, artista plástica e Mardy

escute no hotel que a escultora tinha uma casa-ateliê na encosta do vulcão. Seu trabalho ainda não fora julgado por nenhum crítico de arte mas as pessoas que tinham visto diziam que era fantástico.

Mardy não teria procurado a escultora se o seu dinheiro não estivesse acabando rapidamente com a diária inflacionada do hotel. A casa da escultora era mais um exemplo da arquitetura futurista que começara a se espalhar pelas ilhas. Parecia uma bolha de plástico semi-encaixada na lava.

Waxmina morava sozinha e seu ateliê deixou Mardy de queixo caído. Um bando de garotas jovens, todas suas, da estatura e complexão variadas, fora moldado numa substância que parecia puro solidificado. A perfeição das estatuetas era digna de um Rodin e as dobras e linhas imobilizadas pareciam saltar ou se contorciam em poses eróticas. Mardy achou particularmente notável a figura de uma menina feita, de uns 16 anos, que se equilibrava na perna esquerda enquanto a direita se projetava para o teto numa pose de bailarina de Can Can. A perfeição com que a escultora reproduzira cada detalhe do corpo da menina, incluindo os órgãos genitais, teria sido considerada obscena numa época menos liberal.

— De que elas são feitas? De ouro?

— Claro que não. É Goldilox, uma nova liga sintética. Se quiser posso transformá-la numa obra de arte como essas aí.

— Quanto paga?

— 10 dólares por dia.

— Puxa, acho que vou querer ser imortalizada.

— Vamos tomar um vinho. É bom para o paladar e ajuda a modelar a se descontrair.

Mardy achou o vinho delicioso a

té que o efeito da droga dissolvida na bebida começou a tomar conta de seu corpo. Ela sentiu um torpor tomando conta de seus membros. Tentou se levantar mas a cabeça girou e ela caiu de bruços no chão. Seus braços e pernas não obedeciam mais ao comando do cérebro. Uma paralisia muscular se propagava rapidamente pelo corpo todo.

Mardy não entendeu quando Vaxmina se curvou sobre ele e começou a arrancar-lhe as roupas. Não havia emoção no rosto da escultora, apenas uma frieza profissional. Depois de deixar a garota completamente nua, Vaxmina se agachou pelos pés e começou a arrastá-la em direção ao banheiro anexo ao estaliô. Mardy não sentia mais o próprio corpo, sua mente estava desperta e alerta mas o corpo parecia todo entorpecido. Tentou piscar os olhos e conseguiu com dificuldade.

Vaxmina a argueu nos braços e a carregou para uma banheira cheia de um líquido dourado que parecia metal derretido, mas que na verdade devia ser algum tipo de polímero complexo. Mardy percebeu o que ia acontecer e tentou gritar, mas apenas um som gorgolejante saiu de sua garganta imobilizada.

Afundou naquela coisa densa que penetrou em cada orifício de seu corpo asfixiando-a. Vaxmina cronometrava cada etapa do processo com cuidado clínico. Após 15 minutos ela retirou o corpo de dentro do banho dourado e o colocou sobre uma plataforma móvel. Mardy já estava morto mas seu corpo ainda era maleável e poderia ser colocado na posição que a escultora desejasse. Esse era a parte mais difícil. O polímero aderira à pele formando uma camada uniforme e semissólida. Exposto ao ar ele escumiria e consistência de aço em 30 minutos. Com o tempo o corpo encerrado na casca metálica se mumificaria, mas o esqueleto preservaria para sempre a forma que tivera em vida, emoldando-se a cada detalhe, gravando as menores contrações musculares.

Vaxmina esperou que Mardy esti-

vesse à beira da solidificação derradeira e então a uniu ao corpo já solidificado de um rapaz atlético que Mardy nunca conhecera. Congelada numa última contração de agonia, Mardy parecia estar tendo um orgasmo, o que era perfeito para o efeito que a escultora queria. Ia chamar aquele conjunto de "O Êxtase de Adão e Eva".

Não se sentia uma criminosa. Claro que não. Na verdade estava imortalizando a beleza feminina no auge de seu esplendor, antes que o tempo a destruísse. E no mundo de onde Vaxmina viera a raça humana já estava extinta há milênios, portanto caçar e preservar os seus espécimes mais saudáveis era mais que um passatempo artístico, era uma atividade científica.

Olhou para a coleção que reunira. Espécimes capturados na América do Sul, Escandinávia, Mediterrâneo e ali nas ilhas Canárias. Todos magníficos, como Mardy, sua última aquisição.

Sua atual incursão já estava terminada. Vaxmina retirou seu disfarce humano e ecionou os controles sensoriais embutidos na parede. Era hora de perder-se nas névoas protetoras do tempo, antes que as autoridades locais comesçassem a procurar outra bela turista desaparecida.

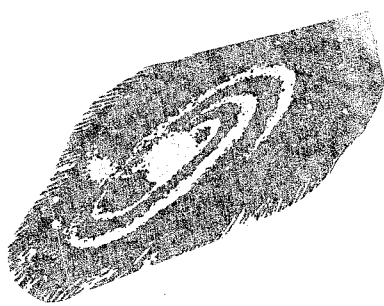
Voltaria a caçar mais tarde, mas não nesse tempo, nem nesse lugar.

Silenciosamente, sem emitir nenhum brilho, a casa bolha se desvaneceu na noite. Deixou para trás apenas a depressão vazia no leito de lava onde se alojara temporariamente.

E perdeu-se nos infinitos caminhos do tempo...

#### ASSINATURAS

Agora as assinaturas passam a valer para 2 edições consecutivas, no valor de 5 RTNs. Favor remeter cheque nominal cruzado para o endereço no pg.2 em nome de



## PREVISÃO DE TERREMOTOS

Um grande terremoto deve atingir a Califórnia nos próximos vinte anos. Essa previsão, repetida desde o início dos anos 70, já serviu de inspiração até para um filme catástrofe com Charlton Heston. Quando a Califórnia tremeu em outubro do ano passado, muita gente pensou que era o Big One, o grande terremoto tão esperado. Nada disso, dizem os geólogos, o terremoto de San Francisco foi apenas um pequeno abalo, uma previsão de grande terremoto que ainda vem por aí. Quando exatamente, ninguém sabe.

A geóloga Mary Lou Zoback, que coordena uma pesquisa mundial para o mapeamento das regiões suspeitas a terremotos, esteve recentemente no Rio de Janeiro, participando de um congresso de geofísicos, e ciência que estuda a estrutura da rocha planetária. Mary Lou explica que no estágio atual de tecnologia é impossível prever quando vai ocorrer um terremoto. O máximo que os cientistas podem fazer é prever a probabilidade de um abalo sísmico atingir uma determinada região, num determinado período de tempo. Assim, eles dizem que a Califórnia tem 99% de chance de sofrer um grande terremoto antes de ano 2010.

Mas por que a Califórnia e não o Brasil? É simples. O planeta Terra é uma esfera de material fundido e semi-líquido, coberta por uma fina casca, a crosta terrestre. Essa crosta, a superfície sólida onde vivemos, está rachada em várias partes, formando fendas, ou falhas geológicas que percorrem o fundo dos oceanos (onde a crosta é mais fina). A lava, o material líquido do interior do planeta, brata dessas rachaduras e se solidifica, formando uma nova crosta e empurrando para o lado as camadas antigas, sobre as quais se assentam os continentes. Essa movimentação faz com que o Brasil se afaste da África na taxa de 2 centímetros por ano, à medida que uma nova crosta vai se formando de lava que brata de rachadura no meio do Oceano Atlântico.

Se a crosta da Terra está se expandindo em alguns lugares, ela tem que se comprimir em outros. Isso acontece, por exemplo, ao longo da costa oeste das Américas, na Califórnia e no Chile. Ali, duas placas da crosta terrestre estão se chocando, se comprimindo. O material dos continentes é empurrado para cima pela pressão, formando cadeias de montanhas, como as Andes e as Montanhas Rochosas. O basalto do fundo do oceano, mais denso, afunda para o interior do planeta, formando fossos abissais, negros abismos marinhos. Do atrito entre as duas placas que se chocam, surgem os terremotos.

Em determinados lugares, como a Califórnia, as duas placas tectônicas deslizam uma de encontro a outra. Quando as placas ficam presas, a energia se acumula até que a obstrução cede. A energia liberada faz o chão tremer, provocando os terremotos. O Brasil está no centro de uma placa, longe das bordas, por isso aqui os terremotos são muito frequentes. O que não quer dizer que não ocorrem.

Elecaute, Marcelo Rubens Paiva, Coleção Mundojovem, Editora Brasiliense, 20ª edição (1ª edição 1986), 1989, 208 páginas.

Dois rapazes e uma garota praticando espeleologia ficam presos numa gruta. Ao saírem encontram as pessoas inexplicavelmente congeladas, e o mundo passa a ser virtualmente dos três, que vão para São Paulo e passam a "povoar" a megalópole.

O livro se enquadra num tipo de história por vezes referido como histórias do "último homem na Terra", embora possam ser mais que um. Segundo Paiva, foi inspirado num episódio da série Além da Imaginação e filmes como o clássico O Diabo, a Carne e o Mundo (1959).

Paiva não soma nada a esse tipo de história. Os três sobreviventes vivem em São Paulo sem qualquer perspectiva e a óbvia intensão do autor é refletir o tédio que assola a juventude "pós-moderna" de nossos dias. Nisso ele foi razoavelmente bem sucedido, apesar do próprio livro ser tedioso, repleto de cacótes literários que saltam do texto.

Paiva não se digna a tentar explicar o fenômeno de congelamento, que ataca apenas os seres humanos, seja através da ciência ou da magia, e o leitor se pergunta todo o tempo:

Por que os alimentos se estragam e as pessoas paralisadas não se decompõem? Por que os ratos famintos atacam o personagem Rindo, se têm os "duros" aos montes para matarem a fome? Por que os personagens explodem várias partes da cidade, sem consideração para com os congelados? Tudo isso tira a credibilidade de um universo ficcional já frágil.

Apesar do fracasso como FC, fantasia ou mesmo realismo fantástico, o romance mostra uma certa força o tédio e o desalento dos adolescentes urbanos e Paiva, apesar do texto repetitivo e imaturo na linguagem e nas reflexões, tem alguma eficiência narrativa.

Felizmente é improvável que ele volte a escrever FC, uma vez que já se manifestou como não tendo compromisso com o gênero. Na verdade ele parece comprometer-se com o novo modernismo — seja lá o que for — e com seus dramas particulares, como os propostos em Elecaute.

Não é bem este o caminho da FC, dedicada a ver com maior profundidade e amplitude o indivíduo, a humanidade e o universo.

Verde... Verde... (2ª edição ampliada e revista), Sérgio Fonseca de Castro, ed., 1991, 208 páginas. Capa de Carlos Alberto Laport de Miranda, com ilustrações internas de Ronaldo Fernandes e Cid Miranda.

Coletânea de contos em sistema de cooperativa, um gênero de iniciativa cujo maior problema é permitir a inclusão de trabalhos desnivelados. Verde... Verde... não é exceção, embora traga algumas surpresas agradáveis.

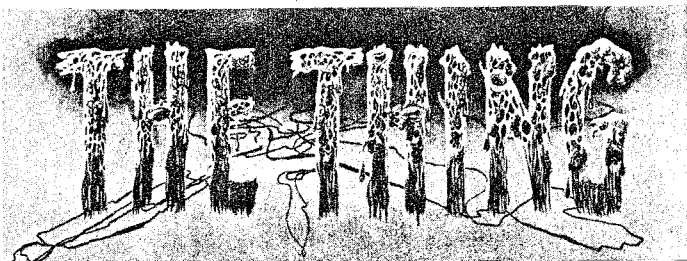
A primeira delas é o conto de José dos Santos Fernandes, onde o instante da morte de um astronauta é seccionado por flashbacks de momentos de sua vida, marcados por diferentes cores. Um estilo econômico com alguma eficiência poética, lembrando um pouco a Golden Age norte-americana.

O segundo trabalho, por Cristina Anneliese Carrero de Castro, é uma fantasia de final surpresa, sem maior expressão. Para salvar sua gata dóctre a personagem recorre à bruxaria, descobrindo um talento insuspeito para a atividade, que chega a um efeito inesperado. O texto dá muitas voltas, mas tem alguma elegância.

"O Grande Mar de Admir", por Leonardo "ahum Farias, é um conto interessante, sobre uma raça alienígena cega, cujo principal sentido é o olfato. Farias consegue, com relativa eficiência, caracterizar bem os alienígenas e sua interpretação do mundo através dos cheiros (tarefa difícil), neste conto onde o homo sapiens não entra. A principal falta do autor é não enfatizar suficientemente a motivação da partida do personagem Admir, que é o que justifica a história.

O quarto trabalho, por Sérgio Martins, é uma frouxa história passada no espaço, envolvendo um engano provocado pela cor tema da coletânea.

"The Ghost in the Machine", por Bráulio Fernandes Tavares, é um caso curioso. Você tem duas maneiras de o ler — ou melhor, uma maneira pressupondo duas: primeiro correndo o texto sem deter-se nas notas, apenas escorregando pela narrativa fluente, recheada de recorrências próprias da FC e vaga em significados. Aqui o pitoresco e o estranho são a tônica, como se você fosse um turista nesse universo ficcional, sem tempo de parar para buscar o significado das coisas. Depois leia novamente, consultando cada nota explicativa, sentindo o universo ficcional se expandir e aclarar-se, ao mesmo tempo em que o imaginário e as recorrências são intensificados. Só não recomendo que seja lida na primeira vez, com a co



Um dos anúncios artísticos originais do clássico "O Monstro do Artico" (The Thing, EUA, 1951), dirigido por Christisa Nyby e escrito por Charles Lederer.



Sulta às notas; você pode perder tantas vezes o fio da meada que o interesse pelo assunto. Um robô obediado por um fantasma humano é levado à Terra para ser exercido. Intrigante e fascinante conto, com um quê de Jack Vance nos nomes e no ecumenismo das raças galácticas.

"Verde! Verde!", de Paulo Vicente dos Santos Alves é um conto muito preocupado em montar um universo ficcional estratégico e político, esquecendo o interesse narrativo, sem o qual a história não se sustenta. Sua principal atração é apresentar o Brasil como a potência espacial do futuro.

"Ora, Dizeis, Ouvir Estrelas..."), de Manuel Jorge de Azevedo, um português radicado no Brasil, é uma história de universo alternativo, para onde vai parar a vítima de um acidente automobilístico. Com altos e baixos, algumas boas tiradas e outras nem tanto. Final fraco e prosa pedindo para ser enxugada.

No conto seguinte, Cid Carvalho Miranda Jr. apresenta uma história de primeiro contato, sob o ponto de vista do acompanhante de calados E.T.s, muito dispostos a absorver nossa cultura, mas sem revelar nada da sua. O conto é bem conduzido e possui um fundo interessante, completamente desperdiçado em função de um final surpresa.

Em "Alma de Artista" Sylvio Gonçalves desenvolve um relativamente eficiente conto de horror (ou fantasia), girando em torno da obsessão artística do avô do narrador, que usa o neto para pincelar sua alma em telas inacabadas. Falta, contudo, uma maior riqueza narrativa e descritiva, capaz de carregar de insólito as situações esboçadas.

"Xenobiólogos na Fase Crítica" é um conto desequilibrado. Seu autor, Gerson Leal Ribeiro, foi incapaz de igualar a construção do background à narrativa propriamente dita, ainda que ambas sejam interessantes. Um xenobiólogo perde-se na superfície de um planeta batido por uma estrela variável, enquanto pesquisava uma espécie vegetal inteligente. Paradoxalmente sua namorada deve decidir-se entre ele e um rival. Mesmo para um conto de FC envolvendo cientistas, há um excesso de termos científicos e, para um conto brasileiro, um abuso de palavras compostas em inglês, em especial os ridículos e dispensáveis trocadilhos nos nomes das personagens.

Um dos piores fracassos literários é aquele em que tentamos contar uma anedota engraçada e não somos bem sucedidos. Isso acontece em "Verde... Verde... Com Vinagre", de Elton dos Reis Alves, ainda que no seu decorrer tenha momentos engraçados.

O penúltimo conto, por Miguel Francisco da Cruz Carqueija, é uma história de robô, no estilo das de Asimov. A prosa de Carqueija é econômica e elegante, eficiente. O roteiro em si, falando da ascensão de um robô para a posição mais elevada permitida a um autômato, após uma conversa com um sábio robô, é que não vale o esforço, considerando o espaço para desenvolvê-lo. Condene as citações a Asimov, Simak e Capek; não há porquê.

Por fim, um divertido "conto doméstico", tendo como personagens os autores da colônia, às voltas com um deles que recebe uma solicitação de um homemzinho verde. O conto começa meio trôpego mas logo em seguida ganha ritmo. Especial destaque para os diálogos.

Lá então, uma iniciativa muito louvável e, certamente, uma amostra representativa da FC que escrita hoje no Rio de Janeiro. Arriscamos supor que represente algo da FC brasileira como um todo, especialmente a amadora vista nos fanzines.

Algumas conclusões podem ser tiradas. Primeiro, existem muitos equívocos sobre o que é escrever ficção científica. Não é possível que se esqueça que há, necessariamente, uma história a ser contada e um meio para tanto, e os elementos de FC devem estar submetidos a esse fim. Segundo, apenas dois ou três trabalhos, de 13, possuem características brasileiras evidentes. Terceiro, embora variados tematicamente, os contos evidenciam propostas temáticas mais ou menos antigas, apoiadas por estilos que lembram os da década de 40 nos EUA. E quarto, embora em se tratando de ficção científica brasileira seja arriscado fazer prognósticos, recomendo que você fique atento para alguns dos nomes que se exercitam aqui: José dos Santos Fernandes, Leonardo Nanum Farias, Bráulio Fernandes Tavares e Sylvio Gonçalves.

Agora cabe a vez de você falar.

Este volume tem por objetivo resenhar os trabalhos de FC, horror e fantasia por brasileiros, com ênfase nas não-obrações relacionadas, abordando os mais recentes e os ainda localizáveis.



Cena do "A Mosca da Salsuga Branca" (The Fly, EUA, 1958)

## DESAFIO AO ALÉM

Por GILBERTO SCHROEDER

Dizem que a história é até mais no comum. A casa assombrada e as pessoas que para lá se dirigem, com as mais variadas intenções. Mas, quem leu o livro no qual "Desafio ao Além" foi baseado, certa mente não concorda com esse equívoco. "A Assombração da Casa da Colina" (The Haunting of Hill House, 1959), de Shirley Jackson - publicado no Brasil em 1983 pela Francis e Taylor Editores - é excepcional no enfoque psicológico dos personagens, e repleto de cenas sem relação as que está ocorrendo na Casa da Colina.

Para dizer o mínimo, Robert Wise conseguiu a façanha de realizar um filme tão bom quanto o livro, e que já é raro, colocando-o na condição de clássico inagável do gênero terror. Conta com grandes atrizes, é verdade, e um roteiro muito bom de Nelson Gidding que abre mão dos efeitos especiais e da apresentação explícita dos fantasmas para buscar ângulos ocultos da filiação, reforçados pela utilização da fotografia em preto e branco, numa época em que o cinema de terror já descobria o método - hoje excessivamente utilizado - de espalhar sangue por todos os cantos de tela. É de 63 aquele que é considerado o primeiro "splatter movie", o "Blood Feast", de Herschell G. Lewis. A escola de Wise é a da RKO de Val Lewton, de terror insinuado e não explicitado.

Em 1980, os frequentadores matinais e atentos das madrugadas da televisão brasileira, tiveram a oportunidade de conhecer ou reavocar os episódios da Casa da Colina, e constatar que 26 anos foram insuficientes para esquecer o trabalho. Richard Johnson é um antropólogo, Claire Bloom e Julie Harris as sensíveis. Eles dirigem-se à casa em questão para investigar os supostos fenômenos de assombração que

fizeram a má reputação do lugar. Harris é tímida, reprimida, com medo de qualquer alteração em sua vida solitária, ao mesmo tempo em que se maravilha por estar participando da reunião, por vezes inconscientemente desejando que os fenômenos ocorram. Claire Bloom é o seu oposto, desavolta, e com uma capacidade de penetrar na mente de Harris que a intimida. E os fatos estranhos começam a ocorrer. Para o antropólogo, a estranha construção da casa explica tudo. Suas paredes distorcidas são capazes de alterar o funcionamento da mente, a ponto de causar alucinações. Uma teoria realmente existente na parapsicologia, a partir de estudos de casas realmente existentes nos EUA.

Para os sensíveis, evidentemente, isso não basta. Têm seus próprios motivos para acreditarem que o local está assombrado por alguma entidade maligna.

Uma série de sons estranhos comandam o espetáculo de situações simplesmente arrepiantes. As paredes e portas inflam sob os olhares das mulheres, enquanto um som altíssimo explode nas paredes, ou dentro de suas mentes. Bloom, com mais que nítidas tendências lésbicas, tenta proteger Harris, mas é impossível manter a posse. Seu medo é visível. Mas, apesar de duas ouvidas as explosões. À noite, uma vez delicada da criança parece surgir de dentro das paredes, do armário. Harris tem uma conversa com Bloom, em sua cama. As luzes estão apagadas, e Harris acredita que a amiga está em sua cama para anular seu pavor. Bloom não responde às suas perguntas, mas surge no quarto vindo de outro ponto e Harris, à beira de histeria, pergunta de quem era a mão que ele segurava no escuro.

O clima torna-se cada vez mais opressivo à medida em que a possibilidade de Harris vai-se detornar

grande, e ainda mais após a chegada à casa da esposa (Maxwell) do empresário, com quem Merrick mostrava-se interessada. A impressão que se tem é a de que o cânone nunca está no local que deveria estar, confundindo a presença do espectador. Para a eslovenoide Merrick não há mais dúvidas, e ela não tem saída. A casa e desejo, e ela não mais o teme, mas igualmente deseja fazer parte dela, ser recebida pela entidade "Casa do Colono" com o amor que jamais teve em sua vida, e que infatigavelmente imaginou que iria encontrar na figura de empresário.

Robert Wise não costuma ser considerado entre os grandes diretores de cinema, mas "espunha" um bom profissional, e que talvez seja um pouco injusto. De qualquer forma, "Dezafie ao Alén" é seu melhor trabalho e, ainda hoje, um daqueles filmes que, após assistir, dá vontade de dormir com a luz acesa.



DEZAFIE AO ALÉN - THE HAUNTING,  
 INC, 1963, METRO GOLDWYN MAYER.

Direção e produção: Robert Wise

Roteiro: Nelson Gidding, baseado

na obra "The Haunting of Hill

House" de Shirley Jackson

Fotografia: David Boulton

Montagem: Ernest Walker

Música: Humphrey Searle

Efeitos Especiais: Tom Howard

Elenco: Richard Johnson, Claire Bloom, Julie Harris, Rosalie Crutchley,

Russ Tamblyn, Fay Compton, Diane Clare, Valentine Dyell, Lois Maxwell.

Produtor Associado: Donis Johnson Desenho de Produção: Elliot Scott.

Distribuição: United Artists Duração: 112 minutos Preto e Branco

CIÊNCIA - PREVISÃO DE TERREMOTOS - J.L. Califa - Continuação de pg. 22

levantamento de todos os tremores de terra que ocorreram no Brasil, nos últimos 100 anos. Em 1922 houve um tremor de 5,5 graus na escala Richter atingindo os estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Pior foi o terremoto de 1955 em Mato Grosso, que atingiu 6,5. Só para comparação, o terremoto de 1980 na Itália que matou milhares de pessoas, teve intensidade 6,5. Em Mato Grosso, felizmente não havia ninguém e a terra tremeu numa região desabitada.

BARNAK, UM GRANDE GUERREIRO BÁRBARO, JÁ HAVIA CONQUISTADO INÚMERAS BATALHAS. SEU EXÉRCITO ERA INVENCÍVEL...

...DEVASTAVA TODOS OS POVOADOS E CIDADES DAQUELE TERRITÓRIO EM BUSCA DE RIQUEZA E PODER...

...ERA TUDO O QUE TINHA EM MENTE.



POR ONDE PASSAVA, SÓ MORTE E DESTRUIÇÃO RESTAVA. ÀS VEZES ATÉ PEQUENAS ALDEIAS COMPOSTAS APENAS DE VELHOS AGRICULTORES, MULHERES E CRIANÇAS...



Antonio Sena (88)

...PERVERSO COMO ERA, VIOLENTAVA MUITAS DAS JOVENS MULHERES E QUEIMAVA VIVO TODOS OS PRISIONEIRO MORIBUNDOS.



1

MAS ACONTECEU QUE UM DIA, SURTIU KORDAL, OUTRO CONQUISTADOR. E BARNAK TEVE QUE ENFRENTÁ-LO NUMA...

# MACABRA

1293011

## BATALHA

Por António Sena

KORDAL JÁ ESTAVA FARTO DE TANTO OUVIR AQUELE NOME, E ENTÃO RESOLVEU DERROTA-LO NUM CONFRONTO EM CAMPO ABERTO...



...O SOL ESTAVA A PINO QUANDO OS DOIS EXÉRCITOS SE ENCONTRARAM FRENTE A FRENTE...

...BARNAK, EXCITADO PELA LUTA, É O PRIMEIRO A SE MANIFESTAR...

...UM ÚNICO GRITO...

... E TEM INÍCIO O CHOQUE...



... ENTRE AS DUAS HORAS ENSANDECIDAS.

DALÍ EM DIANTE, TUDO QUE SE OUVI SÃO OS GRITOS DOS GUERREIROS... GRITOS DE DOR...



... E O BARULHO DO AÇO CHO-CANDO-SE COM ESCUDOS, CARNES E OSSOS.



ABRINDO CAMINHO A  
GOLPES DE ESPADA EN-  
TRE OS INIMIGOS...



...BARNAK AVANÇA NA  
DIREÇÃO ONDE KORDAL  
MATA E MUTILA MUI-  
TOS DOS SEUS HOMENS...



...MAS À MEDIDA QUE SE  
APROXIMA, O ESPANTO  
E O PAVOR TOMAM CONTA  
DE SI...



...POIS COMO NUM PESADE-  
LO TIRADO DO FUNDO DO  
SEU SUBCONSCIENTE...

...ELE VÊ A VERDADEIRA FACE DE KORDAL.



"POR TALOC! QUEM OU  
O QUE VOCÊ É?!"

"NÃO ME RECONHE-  
CES, BARNAK?..."

...POR ACASO NÃO LEMBRAS  
DE TODOS AQUELES QUE  
FÊZ-LHES MAL?..."



...DE TODOS AQUELES INFE-  
LIZES QUE JÁ MATOU?..."

...DAQUELAS CRIANÇAS, JOVENS; ADULTOS;  
MULHERES E VELHOS? "



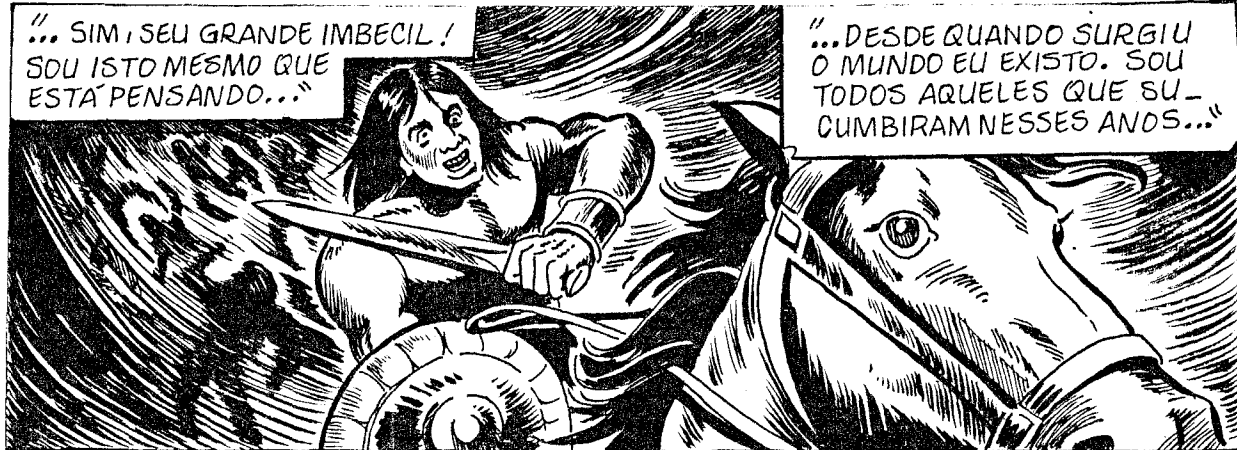
"MALDITO! QUERES  
ME DISTRAIR, MAS  
NÃO CONSEGUIRA..."

...VOU MATA-LO!... ANH?!..."



"TSK! TSK! QUE HOUVE,  
BARNAK? COMEÇAS A  
PERCEBER QUEM SOU  
REALMENTE, NÃO É?..."

“... SIM, SEU GRANDE IMBECIL! SOU ISTO MESMO QUE ESTA PENSANDO...”



“... DESDE QUANDO SURTIU O MUNDO EU EXISTO. SOU TODOS AQUELES QUE SU- CUMBIRAM Nesses ANOS...”

“... E VOCÊ... VOCÊ É APENAS MAIS UM DOS MEUS SER- VIÇAIS, UM ESCRAVO... COMO SUAS VÍTIMAS TAMBÉM ERAM...”



“... MAIS UMA MARIONETE EM MINHAS MÃOS...”

“... E AINDA PENSANDO EM MATAR-ME... IDIOTA! EU SOU AQUILO QUE ATÉ AS BESTAS MAIS FERIZES TEMEM...”



“... E VOCÊ, UM INSIGNIFI- CANTE MORTAL...”

“... NÃO PODE MATAR-ME, POIS SOU PARTE DO SEU SER... DE TODOS OS SERES...”



“... SOU SUA PRÓPRIA MORTE!”

“DESTE MOMENTO EM DIANTE VOCÊ E SEUS HOMENS DEI- XARÃO DE EXISTIR MATERIALMENTE, PARA FAZEREM PARTE DE MIM POR TODA A ETERNI- DADE. POIS SOU TODOS VOCÊS. OS TIRANOS, OS AS- SASSINOS, OS POBRES, OS RICOS, OS ANIMAIS, OS DE- MÔNIOS, OS CON- QUISTADORES, TO- DOS EM FIM... E AO MESMO TEMPO, ÚNICO!”

O POVO DAQUELE TERRITÓRIO AGORA PODERIA VIVER EM PAZ. NUNCA MAIS DUVIRAM FALAR EM BARNAK. “OS DEMÔNIOS O LEVARAM”, DIZIAM UNS. SIM, ELES VIVERIAM EM PAZ, MAS POR QUANTO TEMPO?...



**FIM**

Antonio Serra (88)

4